

# Tendências do crime e da punição no Canadá e nos Estados Unidos

Tradução inédita em português de artigo originalmente publicado em livro em 2004<sup>1</sup>

**Rosemary Gartner**

Professora do Centre of Criminology da University of Toronto, Canadá

Traduzido por: Alejandro Reyes<sup>2</sup>

## Introdução

Uma crença de longa data dos canadenses e dos americanos é que o Canadá é uma nação mais pacífica e mais obediente à lei que os Estados Unidos. Essa crença tem sido alimentada por acadêmicos canadenses e americanos, como S.D. Clark (1976) e Seymour Martin Lipset (1990)<sup>3</sup>, e por comparações entre as taxas de homicídio dos dois países, sobretudo as de homicídio por armas de fogo, realizadas regularmente por analistas tanto acadêmicos quanto não acadêmicos. O Canadá contrarrevolucionário, sustenta o argumento, estabeleceu-se com o comprometimento com os ideais comunitários de “paz, ordem e bom governo”, enquanto os Estados Unidos, nascidos de uma revolução, dedicaram-se aos ideais individualistas de “vida, liberdade e busca da felicidade”. Esses ideais divergentes refletiram-se na maneira como a fronteira ocidental de cada país foi colonizada. As crianças das escolas canadenses aprendem que a lei, na forma da Polícia Montada do Noroeste, precedeu os colonizadores, e uma presença governamental estabeleceu-se desde cedo na fronteira, para garantir que a autoridade do Estado fosse reconhecida.

No Oeste dos Estados Unidos, os rudes individualistas – na grande maioria homens que buscavam escapar dos braços da autoridade estatal – muitas vezes tiveram que criar e aplicar suas próprias leis por meio da justiça popular. *The Virginian*, de Owen Wister, transformou em mito o homem da fronteira – um homem de ação, em vez de palavras, que conhece os limites da lei – e ajudou a estabelecer o caubói como o símbolo

1 GARTNER, Rosemary. (2004), “Trends in Crime and Criminal Justice in Canada and the U.S. in the post-Charter period”. Em: KASLORR, M. [e] DRENNEN, C. (orgs). *Crime and the Criminal Justice System in Canada*. Bowling Green, Canadian Studies Centre/ Bowling Green State University.

2 Revisão técnica: Eduardo Paes-Machado, professor da UFBA.

3 Ver também: Hagan e Leon (1978) e Hagan (1991).

arquetípico da fronteira dos Estados Unidos<sup>4</sup>. No Canadá – “o único país no mundo”, disse Margaret Atwood, “onde um policial é tomado como o símbolo nacional” (1972, p. 171) – o herói cultural tem sido, tradicionalmente, o *mountie*, ou membro da Polícia Montada, disciplinado e fardado. Uma das manifestações no século XX dessas diferenças de origem e desenvolvimento das duas nações foram as diferentes abordagens da Justiça Criminal. Para usar os termos inventados por Herbert Packer (1964), um modelo de “controle do crime” – que prioriza a manutenção da lei e da ordem – tornou-se predominante no Canadá, enquanto um modelo do devido processo legal – que enfatiza a proteção dos direitos do acusado – caracterizou a Justiça Criminal nos Estados Unidos.

Essas diferenças no crime e na Justiça Criminal, segundo vários comentaristas, começaram a diminuir no último quarto do século XX. Seja devido à “americanização” dos valores e da cultura canadense (e, de fato, da cultura global) – segundo a opinião da esquerda –, ou devido ao fracasso das “reformas sociais liberais” (FRUM, 01/10/2003) do Canadá – de acordo com a opinião da direita –, as taxas de crime canadenses começaram a aumentar no final da década de 1980, e se acredita que se aproximaram, ou até ultrapassaram, os níveis dos Estados Unidos na década de 1990<sup>5</sup>. Além disso, os movimentos pelos direitos das vítimas e uma revolução do devido processo legal, promovida pelo Canadian Charter of Rights and Freedoms<sup>6</sup>, “americanizou” o Sistema de Justiça Criminal canadense, conforme a opinião de alguns analistas<sup>7</sup>. Outros têm afirmado que as práticas de sentenciamento canadenses tornaram-se mais parecidas com as práticas dos EUA, devido a um crescimento geral na “tendência à punição penal” na maioria das nações ocidentais (ROBERTS, STALANS, INDEMAUR e HOUGH, 2003). Independentemente da razão, as mudanças no Sistema de Justiça Criminal no Canadá resultaram no que algumas pessoas sugerem ser um crescimento significativo das taxas de encarceramento no país – novamente, espelhando uma tendência que começou nos Estados Unidos, no início da década de 1980 (PRATT, 2002; ROACH, 1999).

Neste trabalho, avaliarei as evidências sobre o nível de “americanização” do crime e da Justiça Criminal no Canadá nas últimas duas décadas. As evidências sugerem que esses medos – ou esperanças – sobre essas tendências no país não têm muito fundamento, embora as evidências também sugi-

4 O romance foi publicado originalmente em 1902 e não teve versão em português publicada. (N.E.)

5 Ver também: Simpson (2000); Lehrer (27/05/2002); Lenton (1989).

6 O Canadian Charter of Rights and Freedoms, implementado em 1982, protege vários direitos individuais que, antes do *charter*, eram reconhecidos na *common law* (lei comum), mas não tinham garantia constitucional. Entre esses direitos estão a liberdade de expressão, consciência e religião; a proteção contra *search and seizure* (busca e apreensão) injustificadas; e direitos de *due legal process*.

7 Ver, por exemplo, Roach (1999).

ram que os estereótipos sobre os canadenses que obedecem às leis sejam bastante exagerados. O trabalho conclui especulando sobre as razões das diferenças persistentes entre os dois países em suas tendências para a violência criminal e para as respostas punitivas ao crime.

## **Comparando as taxas de crime no Canadá e nos Estados Unidos**

Um dos maiores problemas para o uso de estatísticas oficiais, como as colhidas pela polícia, para comparar os níveis do crime entre os países são as diferenças entre as nações nas definições dos delitos, nas formas como os funcionários colhem e registram as informações sobre o crime e na disposição das vítimas e das testemunhas para declará-lo às autoridades legais. Portanto, a maioria das análises do crime entre nações até recentemente tendeu a concentrar-se no homicídio, porque as diferenças de definição, registro e divulgação são minimizadas quando se trabalha com a violência criminal letal. Até a década de 1990, uma suposição (muitas vezes não admitida) porposta por muitas comparações entre nações era que as diferenças entre as taxas de homicídio eram provavelmente um bom barômetro para medir as diferenças entre outros tipos de crime, sobretudo o crime violento. Portanto, admitia-se que, nos Estados Unidos, onde a taxa de homicídio era aproximadamente quatro vezes as de Canadá, Austrália e Nova Zelândia, e umas oito vezes as de Grã-Bretanha, Noruega, França e Alemanha, na década de 1980 (ZIMRING e HAWKINS, 1997), as taxas de outros tipos de crime seriam também relativamente altas.

### **Dados de pesquisas de vitimização**

O desenvolvimento de pesquisas de vitimização, que utilizam em vários países os mesmos métodos para colher dados de um número de eventos criminais conforme definições padronizadas, mostrou que aquela suposição é inexata<sup>8</sup>. Por exemplo, a Pesquisa Internacional Sobre Vitimização Criminal (International Crime Victimization Survey, ICVS) já foi realizada quatro vezes (em 1989, 1992, 1996 e 2000) em diversos países.

8 As enquetes de vitimização geralmente perguntam aos pesquisados se eles foram vítima de vários crimes nos últimos 12 meses; então, pedem detalhes sobre as suas experiências, incluindo se eles fizeram uma declaração na polícia. Assim, o que os criminólogos chamam “a obscura figura do crime” – essa parte do crime que não aparece nas estatísticas porque não é declarada – pode ser medida.

O Canadá e os Estados Unidos são dois dos cinco que tomaram parte em todos os quatro ciclos dessa investigação. Os dados de ciclos anteriores do ICVS foram amplamente divulgados em meados dos anos 1990 e utilizados por várias análises – incluindo as dos acadêmicos americanos Franklin Zimring e Gordon Hawkins (1997) – para mostrar que as taxas de muitos tipos de crime, nos Estados Unidos, não eram claramente diferentes das taxas de outros países industrializados, no final dos anos 1980 e no início dos anos 1990<sup>9</sup>. Os resultados do ICVS de 2000, divulgados recentemente, corroboram essas conclusões iniciais. Nos 13 países industrializados que participaram da pesquisa, a taxa global de vitimização – isto é, a porcentagem da população que declarou pelo menos uma vitimização nos últimos 12 meses – variou entre 15%, no Japão e na Irlanda do Norte, e 30%, na Austrália. A taxa do Canadá, de 24%, colocou o país no mesmo nível de Suécia, Holanda, Escócia e Dinamarca, e um pouco acima dos Estados Unidos, cuja taxa foi de 21% (BESSERER, 2002)<sup>10</sup>. Em outras palavras, aproximadamente uma de cada quatro ou cinco pessoas em cada país havia sido vítima, no ano anterior, de pelo menos um dos seguintes 11 delitos: roubo violento, assalto sexual, assalto, arrombamento, intento de arrombamento, roubo de veículo motorizado, roubo de motocicleta ou motoneta, roubo de bens pessoais, roubo em um veículo, roubo de bicicleta ou vandalismo de veículo motorizado. Considerando-se essas evidências, os canadenses não podem afirmar serem mais obedientes à lei que seus vizinhos do sul, os americanos. Além disso, os dados desse estudo de vitimização nesses países, quando comparados com as estatísticas oficiais sobre homicídios, mostram que há pouca relação entre as taxas de homicídio e as taxas de outros tipos de crime, incluindo os violentos. Não é possível admitir, portanto, que um país com taxas de homicídio altas (ou baixas) terá, também, taxas altas (ou baixas) de, por exemplo, assalto ou arrombamento.

Uma das características das pesquisas de vitimização – e, segundo alguns analistas, um de seus problemas – é que elas registram muitas experiências que podem ser consideradas de pouca importância, até pelas próprias vítimas. Por exemplo, na ICVS, as vítimas de crime com mais probabilidades de considerar que a sua experiência foi “séria” ou “muito séria” foram as vítimas de roubo de carro; em contraste com isto, as vítimas de agressão sexual – conforme a definição da ICVS – tinham

9 Ver também: Van Dijk e Mayhew (1992); Frate, Zvekic e Van Dijk (1993); e Van Kesteren, Mayhew e Nieuwberta (2000).

10 O ICVS permite comparações, entre o Canadá e os EUA, de outros comportamentos e atitudes relacionados com o crime, e essas comparações também revelam diferenças mínimas entre os dois países. Por exemplo, as mesmas porcentagens de pesquisados (83%), em ambos os países, afirmaram sentirem-se seguros ao caminhar sozinhos em seu bairro à noite; porcentagens similares (80% no Canadá, 75% nos EUA) afirmaram utilizar pelo menos um mecanismo de segurança no lar; e porcentagens similares (87% no Canadá, 89% nos EUA) acharam que a polícia em sua área faz um bom trabalho para controlar o crime.

muito menor probabilidade de considerar que sua experiência havia sido “séria” ou “muito séria”<sup>11</sup>. Isso não surpreende, se considerarmos como são definidas as vitimizações. Os arquitetos da ICVS quiseram que as perguntas do questionário fossem o mais próximas possível das definições dos delitos pelos códigos penais dos diferentes países pesquisados, mantendo, no entanto, uma definição padrão para todos os países. Assim, na ICVS, a categoria, por exemplo, de agressão sexual inclui ser tocado(a), agarrado(a) ou apalpado(a) sexualmente sem consentimento, assim como a atividade sexual forçada ou a tentativa da mesma; e a categoria de agressão inclui desde a ameaça de danos físicos a ataque resultante em lesões. Consequentemente, a contagem dos crimes nessas pesquisas é dominada pelos delitos de pouca gravidade, delitos que as vítimas, muitas vezes, consideram insignificantes demais para serem declarados à polícia ou às companhias de seguros. Para alguns analistas, esse aspecto das enquetes de vitimização faz com que os seus dados sejam menos úteis que as estatísticas policiais para comparar os níveis de crimes graves entre os países.

Como muitas outras pesquisas, a ICVS tem outras características que podem limitar a utilidade de seus dados para comparações internacionais. Por exemplo, a enquete é realizada, na maioria dos países, pelo telefone, e, portanto, exclui as pessoas que não dispõem desse meio ou que não tenham endereço fixo, muitas das quais podem ter riscos relativamente altos de vitimização. Os tamanhos das amostras em cada país variaram entre 1 mil e um pouco mais de 5 mil, o que significa que cada entrevistado pode representar até 200 mil pessoas em um país, a depender de seu tamanho. As taxas de respostas ou a vontade de participar do grupo de pessoas contatadas na enquete também variam muito entre os países. Amostras e taxas de resposta menores aumentam o que se conhece como “erro de amostragem”, reduzindo a acurácia das estimativas das taxas de vitimização.

Por essas razões, a utilização de dados, tanto das enquetes sobre vitimização quanto das estatísticas oficiais colhidas pela polícia, fornece um entendimento muito amplo das diferenças entre as nações na magnitude e na natureza do crime. Curiosamente, os dados da ICVS e de outras pesquisas de vitimização sugerem que as diferenças entre o Canadá e os Estados Unidos,

11 Oitenta e quatro por cento das vítimas de roubo de carro consideraram suas experiências “sérias” ou “muito sérias”, em comparação com 65% das vítimas de agressão sexual, conforme a ICVS de 2000 (BESSE-RER, 2002).

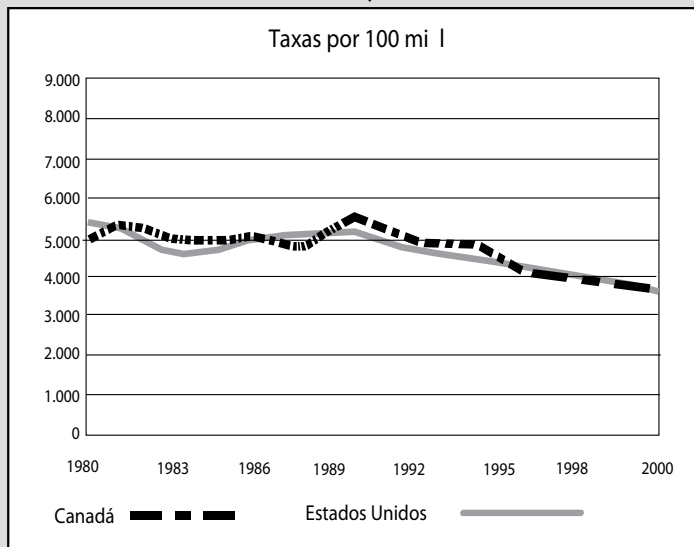
na proporção de crimes declarados à polícia, são relativamente pequenas, o que significa que as estatísticas oficiais sobre o crime de ambos os países são mais comparáveis do que se acreditava (OUIMET, 1999).

## Estatísticas oficiais

Em 2001, o Centro Canadense de Estatísticas de Justiça (Canadian Centre for Justice Statistics, CCJS) publicou um relatório que indicava que as estatísticas oficiais do Canadá e dos Estados Unidos sobre sete tipos de crime podiam ser comparadas efetivamente, desde que alguns pequenos ajustes e modificações fossem feitos (GANNON, 2001a). Depois de realizar as modificações recomendadas, o CCJS publicou uma análise comparativa de crimes no Canadá e nos EUA para os anos de 1980 a 2000 (GANNON, 2001b). Os resultados oferecem provavelmente a melhor evidência disponível para avaliar as afirmações no sentido de que as taxas de crime de ambos os países vêm se aproximando nos últimos anos. O que mostra essa análise?

Ao combinar arrombamentos, roubos de veículos e outros roubos, uma taxa de crimes contra o patrimônio comparável pode ser calculada para ambos os países. As tendências dessa taxa, entre 1980 e 2000, aparecem no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Taxas de crimes contra o patrimônio no Canadá e nos EUA



Fonte: Gannon (2001a)

Claramente, não há, no essencial, nenhuma diferença entre os dois países em suas taxas de crimes contra o patrimônio durante esse período de 21 anos. Entretanto, também não há evidências de que as taxas canadenses e dos EUA convergiram no período pós-*charter* (isto é, depois de 1982), precisamente porque essas taxas não diferiram no início da década de 1980. Se decomposermos essa taxa de crimes agregados em suas partes constitutivas, temos os mesmos resultados. As taxas de roubo de veículos foram um pouco maiores nos EUA durante a maior parte do período, mas as canadenses ultrapassaram levemente as americanas em meados dos anos 1990<sup>12</sup>. As taxas de arrombamento, por outro lado, foram um pouco maiores no Canadá no início dos anos 1980, mas caíram abaixo das americanas no início dos anos 1990, mantendo-se nesse nível<sup>13</sup>. De forma similar ao mostrado pelos dados da ICVS, os canadenses parecem ter tido as mesmas probabilidades que os americanos de se tornarem vítimas de crimes contra o patrimônio durante as últimas duas décadas do século XX. Porém, os moradores de algumas cidades canadenses tiveram riscos muito mais altos de sofrer esse tipo de crime do que os moradores de algumas cidades dos EUA. De fato, as taxas de crimes de Vancouver são as segundas mais altas da América do Norte, depois das de Miami, e são aproximadamente o dobro das taxas de algumas cidades americanas, como Los Angeles, Nova York, Washington e mesmo (com relação ao arrombamento e ao roubo) Detroit (ver Tabela 1).

Tabela 1 – Taxas de crime contra o patrimônio (por 100 mil habitantes) de cinco principais áreas metropolitanas do Canadá e dos EUA, 2000

	População	Arrombamento	Roubo de Veículo	Roubo
<b>Áreas Metropolitanas do Canadá</b>				
Toronto	4.751.408	553	365	1.692
Montreal	3.480.342	1.195	800	2.068
Vancouver	2.048.823	1.430	1.058	4.415
Calgary	952.960	814	580	2.616
Edmonton	944.194	986	539	2.559
CANADÁ	30.750.087	954	521	2.224
<b>Áreas Metropolitanas dos EUA</b>				
Los Angeles	9.534.500	636	674	1.726
New York	9.111.706	453	428	1.785
Philadelphia	5.079.925	507	492	2.199
Washington DC	4.904.313	452	484	2.223
Detroit	4.510.292	735	919	2.280
EUA	281.421.906	728	414	2.475

Fonte: Gannon (2001a)

12 As taxas de roubo de veículos foram relativamente estáveis em ambos os países nesse período, variando de aproximadamente 350 a 590 por 100 mil habitantes no Canadá, e de aproximadamente 400 a 620 nos EUA.

13 As taxas de arrombamento diminuíram de aproximadamente 1.600 (no início dos anos 1980) a aproximadamente 750 por 100 mil habitantes, em 2000, no Canadá. Nos EUA, essa taxa teve seu ponto mais alto no final dos anos 1980, com pouco menos de 1.600, e diminuiu a pouco menos de 1 mil por 100 mil habitantes em 2000.

Ao combinar o homicídio, a agressão agravada<sup>14</sup> e o roubo violento, uma taxa de crimes violentos comparável também pode ser calculada para ambos os países. As tendências dessa taxa, entre 1983<sup>15</sup> e 2000, são mostradas no Gráfico 2.

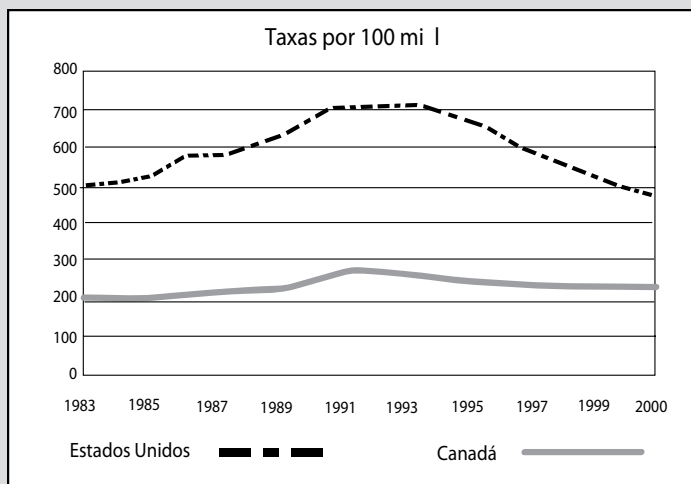
14 A figura da agressão agravada (aggravated assault) é, em alguns sistemas legais, como o americano e o canadense, representativa de um conjunto de crimes caracterizado pela extrema violência, em geral com uso de uma arma capaz de matar. Sob esse termo, incluem-se crimes como tentativa de homicídio, violência sexual contra menores de 14 anos e agressões praticadas no decorrer de um sequestro. (N.E)

15 A observação do CCJS para esses dados diz que “para propósitos de comparação, a categoria canadense de agressão agravada inclui tentativa de homicídio, roubo a mão armada e a própria categoria da agressão agravada. A análise das tendências começa em 1983, devido à reclassificação das categorias canadenses de assalto, em 1983”.

16 A taxa canadense de assalto agravado manteve-se entre 110 e 140 por 100 mil durante esses anos; a taxa americana aumentou em aproximadamente 275 por 100 mil, em 1983, a o máximo de aproximadamente 440 por 100 mil habitantes, em 1992, antes de diminuir a aproximadamente 325 por 100 mil habitantes, em 2000.

17 A taxa canadense de roubo violento flutuou entre 90 e 111 por 100 mil habitantes nesses anos; a taxa americana foi um pouco maior que 250 por 100 mil no início dos anos 1980 e novamente no início dos anos 1990, antes de diminuir a aproximadamente 150 por 100 mil no final do período.

Gráfico 2 – Taxas de crimes violentos no Canadá e nos EUA



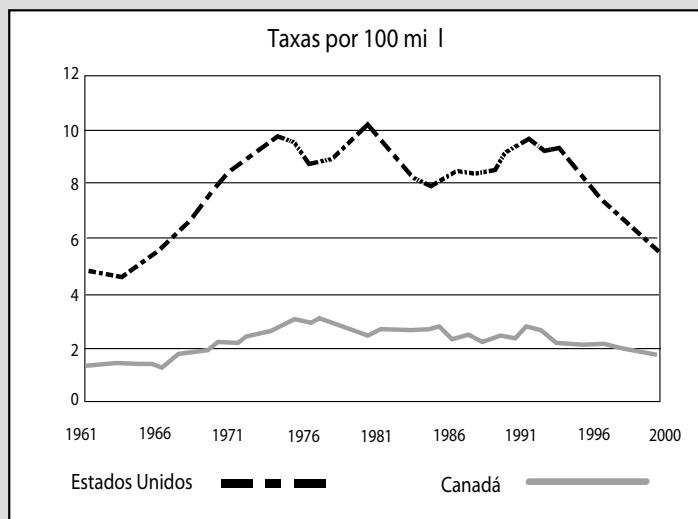
Fonte: Gannon, 2001a

A situação aqui é muito diferente da que é mostrada no Gráfico 1. Ao longo deste período de 18 anos, a taxa de crime violento nos EUA, foi de duas a três vezes maior que a taxa de crime violento no Canadá. Há uma certa convergência nas taxas na segunda metade do período, mas isto é porque a taxa americana, que, como a canadense, alcançou seu nível mais alto em 1991, declinou mais rapidamente que a taxa canadense na década de 1990. Mais uma vez, não há evidências de que as taxas de crime violento no Canadá se “americanizaram” com o tempo. Se decomposermos essa taxa agregada em suas partes constitutivas, teremos o mesmo resultado. A diferença entre as taxas de agressão agravada dos dois países foi maior no final que no início do período de 18 anos<sup>16</sup>. Em contraste, as taxas de roubo violento dos dois países convergiram, mas não devido a um aumento na taxa canadense. Ao contrário, a taxa canadense variou pouco através do tempo, enquanto a taxa dos EUA aumentou e depois declinou dramaticamente<sup>17</sup>.



Como as definições e as práticas de apuração do homicídio são compatíveis durante um período mais longo, as tendências das taxas desse crime em ambos os países podem ser comparadas para os últimos 40 anos do século XX. A percepção comum de que os EUA têm mais violência letal que o Canadá foi correta para todo o período, conforme mostram os dados no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Taxas de homicídio no Canadá e nos EUA



Fonte: Gannon, 2001a

A diferença nas taxas de homicídio de ambos os países foi maior entre meados dos anos 1970 e o início dos anos 1990, quando a taxa dos EUA era até cinco vezes maior que a canadense. Entretanto, ambos os países encerraram o século XX com essencialmente a mesma diferença nas taxas de homicídio de 1961. Novamente, não há evidências de que as taxas de violência letal no Canadá tenham aumentado, convergindo para as taxas dos EUA nesse período.

O que esses dados sobre as tendências do crime contra o patrimônio e do crime violento indicam é que o Canadá e os EUA diferem não nas propensões de seus cidadãos para roubar e arrombar, mas nas propensões dos seus cidadãos para se atacar fisicamente – e, sobretudo, letalmente – ou para usar a força uns contra os outros. Outros pesquisadores têm chegado à mesma conclusão, em particular Franklin Zimring e Gordon Hawkins, que intitularam o seu livro,

muito apropriadamente, de *Crime Is Not the Problem: Lethal Violence in America* (O crime não é o problema: A violência letal nos Estados Unidos). Eles utilizam comparações entre os EUA e várias outras nações industrializadas para mostrar que o que distingue o crime no país do crime nessas outras nações não é sua magnitude, nem mesmo sua natureza violenta. Segundo eles, “o que distingue os Estados Unidos de outras nações desenvolvidas é uma camada fina de violência potencialmente letal, que provavelmente conforma menos de 1% do crime americano, e menos de 10% da violência americana” (ZIMRING e HAWKINS, 1997, p. 50). Como essa afirmação permite inferir, é o caráter da violência nos EUA que diferencia esse país das outras democracias industrializadas, incluindo o Canadá. Para os autores, o que marca o caráter do homicídio nos EUA é o uso de armas de fogo: “O uso de armas de fogo em assaltos e roubos é a única característica ambiental da sociedade americana que está claramente ligada à taxa extraordinária de morte, resultante da violência interpessoal nos Estados Unidos” (ibid, p. 122).

Isso traz à tona a pergunta que jornalistas de rádio, televisão e jornais vêm me colocando todo ano, durante a década de 1990, no dia da publicação do relatório anual de homicídios do Centro Canadense de Estatísticas de Justiça. O relatório tem mostrado que a taxa de homicídio vem caindo de forma relativamente constante desde o início dos anos 1990. Mas, como um declínio nas taxas de homicídio no Canadá é considerado um evento pouco digno de cobertura midiática – ou, pelo menos, menos digno que um aumento –, os editores desses jornalistas os mandam à procura de algo mais dramático ou sensacional para desenvolver suas histórias. Assim, a pergunta que eles geralmente me fazem é mais ou menos assim: “Embora nossas taxas de homicídio não estejam aumentando, é possível que os nossos homicídios estejam começando a se parecer com os homicídios nos Estados Unidos?” O que eles querem dizer com isso – para além da referência aos homicídios com armas de fogo – geralmente não fica claro (nem para eles mesmos, suspeito eu). Mas a pergunta dirige a nossa atenção para as diferenças no caráter, em vez de simplesmente no nível da violência letal, em ambos os países.

Os homicídios no Canadá têm características diferentes dos homicídios nos EUA? Em muitos sentidos, sim. Tal como se acredita, os homicídios no Canadá têm muito menos probabilidades de serem cometidos com armas de fogo. A Tabela 2 mostra os dados do total de homicídios com armas de fogo no Canadá e nos EUA, em 2002:

Tabela 2 – Homicídios totais e com armas de fogo no Canadá e nos EUA, 2002

	Canadá	EUA
<b>Número de homicídios</b>	<b>582</b>	<b>16,204</b>
<b>Taxa de homicídios (por 100 mil habitantes)</b>	<b>1,85</b>	<b>5,6</b>
<b>% de homicídios cometidos com armas de fogo</b>	<b>26%</b>	<b>67%</b>
<b>Taxa de homicídios com armas de fogo</b>	<b>0,48</b>	<b>3,8</b>
<b>% de homicídios cometidos com pistolas</b>	<b>17%</b>	<b>51%</b>
<b>Taxa de homicídios com pistolas</b>	<b>0,30</b>	<b>2,9</b>
<b>% de homicídios sem armas de fogo</b>	<b>74%</b>	<b>33%</b>
<b>Taxas de homicídio sem armas de fogo</b>	<b>1,37</b>	<b>1,9</b>

Fonte: Savoie (2002); Juristat (2003); FBI (2003)

Em 2002, houve quase 30 vezes mais homicídios cometidos nos EUA do que no Canadá. Se corrigirmos pela diferença nas populações dos dois países – isto é, se calcularmos os homicídios por 100 mil habitantes –, a diferença é, evidentemente, muito menor. Mesmo assim, a taxa de homicídio nos EUA foi três vezes maior que a taxa canadense em 2002. No Canadá, só um de cada quatro homicídios é cometido com armas de fogo, e só um de cada seis com pistolas. Em contraste, dois de cada três homicídios são cometidos com armas de fogo nos EUA, e a metade com pistolas. A maior diferença entre os dois países é, portanto, a sua taxa de homicídios com pistolas; a taxa dos EUA é aproximadamente 10 vezes maior que a canadense. As taxas de homicídios cometidos com outras armas são muito menos diferentes: a taxa dos EUA é apenas 40% maior, aproximadamente, que a canadense. Consistentemente com as conclusões de Zimring e Hawkins, baseadas em dados das décadas de 1980 e 1990, o uso de armas de fogo ainda distingue claramente os homicídios no Canadá e nos EUA. Mas, mesmo quando as armas de fogo não são utilizadas, os americanos têm mais propensão que os canadenses para atacar uns aos outros letalmente.

Há outras diferenças importantes no caráter dos homicídios canadenses e americanos. O homicídio é um fenômeno muito mais urbano nos EUA que no Canadá. Expressado de outra forma, as grandes cidades são muito mais perigosas que as cidades pequenas e que as áreas rurais nos EUA, enquanto, no Canadá, esse não é o caso. Consideremos as taxas de homicídio das cinco maiores áreas urbanas em ambos os países, comparadas com a taxa total de homicídio de cada país (Tabela 3):

Tabela 3 – Taxas de homicídio de cinco áreas metropolitanas canadenses e dos EUA, 2000

	População	Taxa de Homicídio
<b>Áreas Metropolitanas Canadenses</b>		
Toronto	4.751.408	1,7
Montreal	3.480.342	2,1
Vancouver	2.048.823	2,0
Calgary	952.960	1,7
Edmonton	944.194	2,0
CANADÁ	30.750.087	1,8
<b>Áreas Metropolitanas nos EUA</b>		
Los Angeles	9.534.500	10,6
New York	9.111.706	7,8
Philadelphia	5.079.925	8,1
Washington DC	4.904.313	7,4
Detroit	4.510.292	10,6
EUA	281.421.906	5,5

Fonte: Gannon (2001)

As taxas de homicídio nas maiores áreas metropolitanas do Canadá são muito similares à taxa nacional, enquanto as taxas de homicídio nas maiores áreas metropolitanas dos EUA tendem a ser até o dobro da taxa nacional. Os canadenses, como os americanos, tipicamente acreditam que seus centros urbanos são lugares mais perigosos que o resto do país, mas, pelo menos com relação ao homicídio, esse não é o caso.

As duas nações também diferem na natureza da relação entre as vítimas de homicídio e seus assassinos, como mostra a Tabela 4:

Tabela 4 – Relação entre vítima e assassino nos homicídios no Canadá e nos EUA, 2002

	Canadá	EUA
% de homicídios não resolvidos	23%	36%
Taxa de homicídios não resolvidos	0,43	2,02
<b>Dos homicídios resolvidos:</b>		
% de homicídios por desconhecidos	15%	24%
Taxa de homicídios por desconhecidos	0,21	0,86
% de homicídios por conhecidos	44%	53%
Taxa de homicídios por conhecidos	0,63	1,9
% de homicídios por membros da família (incluindo o cônjuge)	40%	22%
Taxa de homicídio familiar	0,57	0,79
% de homicídios por cônjuges resolvidos	20%	9%
Taxa de homicídio por cônjuge	0,28	0,32

Fonte: Savoie (2002); Juristat (2003); FBI (2003)

Em uma proporção não desprezível de homicídios em ambos os países, a relação entre a vítima e o assassino é desconhecida, porque o homicídio não é resolvido; mas a proporção de casos não resolvidos é muito maior nos EUA que no Canadá. Dos homicídios resolvidos, nos EUA, mais de três quartos são cometidos por desconhecidos das vítimas ou por pessoas superficialmente conhecidas por elas, comparados com apenas aproximadamente 60% dos homicídios solucionados no Canadá. Por outro lado, uma porcentagem maior de homicídios no Canadá é cometida por membros da família, sobretudo por cônjuges, comparando-se com os homicídios nos EUA. Portanto, o homicídio no Canadá é um assunto mais íntimo que nos EUA. Conclui-se que a maior diferença nas taxas de homicídio em ambos os países é por homicídios por desconhecidos: essa taxa, nos EUA, é mais de quatro vezes maior que a taxa canadense<sup>18</sup>. A diferença nas taxas de homicídio diminui conforme a relação entre a vítima e o assassino se torna mais íntima, sendo que as taxas de homicídio por cônjuge, de ambos os países, são muito similares. Considerando que a distribuição das relações entre vítima e assassino, nos homicídios do Canadá, é similar à de outras democracias industrializadas (com exceção dos EUA), estes dados sugerem que o homicídio nos EUA também é distinto pela frequência com que acontece entre pessoas que não se conhecem bem ou entre pessoas desconhecidas.

18 Alguns criminólogos argumentariam que os casos não resolvidos têm mais probabilidades de envolver delinquentes desconhecidos do que de delinquentes que conhecem suas vítimas. Se for assim, a diferença na taxa de homicídio por desconhecidos entre o Canadá e os EUA é ainda maior.

O que os dados nas tabelas anteriores indicam é que a violência letal no Canadá e nos EUA difere não apenas em seu nível, mas também em seu caráter. Essas diferenças – no uso de armas de fogo, na distribuição urbana/rural e na relação entre vítima e assassino – têm diferenciado os homicídios dos dois países durante pelo menos os últimos 40 anos, e, junto com dados sobre as tendências nos crimes violentos, não sustentam a conclusão de que o nível ou a natureza da violência criminal, no Canadá, tenha se “americanizado” no final do século XX (GARTNER, 1995). As taxas de crimes contra o patrimônio, no Canadá e nos EUA, em contraste, são essencialmente iguais. Entretanto, considerando-se que elas têm sido similares durante mais de 20 anos, não há razões para se afirmar que as taxas canadenses estão se aproximando das taxas dos EUA, no período pós-*charter*.

### **Comparando a punição no Canadá e nos Estados Unidos**

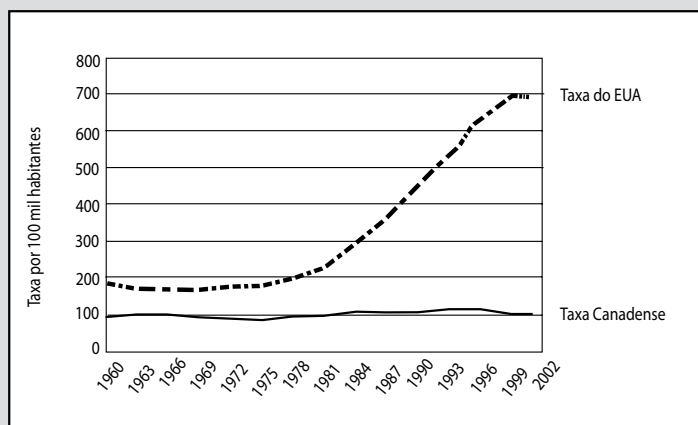
Nossa habilidade de comparar as respostas da Justiça Criminal ao crime, no Canadá e nos Estados Unidos, é muito mais limitada que nossa habilidade de comparar as taxas de crime em ambos os países. Isso se deve sobretudo à falta de dados comparáveis em nível nacional sobre as operações dos Sistemas de Justiça Criminal dos dois países. A única medida das respostas da Justiça Criminal ao crime que pode ser comparada é a taxa de encarceramento de pessoas acusadas ou condenadas por cometer crimes. Se os analistas acadêmicos e não acadêmicos anteriormente mencionados estiverem corretos, o Canadá faria parte de uma tendência mais ampla de endurecimento da punição que teria começado nos EUA e se propagado a muitas outras democracias industrializadas. O que mostram os dados?

O Gráfico a seguir mostra as taxas de encarceramento do Canadá e dos EUA, em suas respectivas prisões e cadeias, para o período de 1960 a 2002<sup>19</sup>. A taxa canadense parece relativamente pouco alterada nesse período de 20 anos devido à magnitude do aumento do encarceramento nos

19 Os dados para o Canadá estão disponíveis apenas até 2001.

EUA a partir do final da década de 1970. A taxa dos EUA aumentou de pouco menos de 200 por 100 mil habitantes, em seu ponto mínimo no final da década de 1960, a pouco mais de 700 por 100 mil em 2002 – um nível muitas vezes maior que o de qualquer outra democracia industrializada ocidental<sup>20</sup>. A taxa de encarceramento do Canadá atingiu pouco mais da metade que a dos EUA na década de 1960; mas, no final do século XX, sua taxa era um sétimo da dos EUA. Claramente, no âmbito do castigo criminal, o Canadá e os EUA mostraram uma grande divergência, e não uma convergência, no período pós-*charter*.

Gráfico 4 – Taxas de encarceramento no Canadá e nos EUA, 1960-2002



Fonte: Canadian Centre for Justice Statistics; Adult Correctional Services in Canada; Statistics Canada; Bureau of Justice Statistics. Departamento de Justiça dos EUA.

Isso não deve ser interpretado para contestar os argumentos de alguns acadêmicos do direito, no sentido de que o Canadá tornou-se mais punitivo no período pós-*charter*. De fato, a taxa de encarceramento do Canadá aumentou, de aproximadamente 86 por 100 mil habitantes, em meados dos anos 1970, ao máximo de 116 por 100 mil habitantes, em 1994 – um aumento de 35%. Mas, a partir de 1994, tem diminuído e, atualmente, é de aproximadamente 103 por 100 mil habitantes. O Canadá, portanto, não refletiu a tendência de aumento das taxas de encarceramento nos últimos anos do século XX que caracterizou muitas democracias industrializadas.

20 Em 2002, as taxas de encarceramento de Noruega, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Irlanda, Bélgica, Alemanha, França, Itália, Canadá e Holanda variaram entre 50 e 100 por 100 mil habitantes. As taxas de Austrália, Espanha, Portugal, Inglaterra e País de Gales e Nova Zelândia variaram de 110 a 150 por 100 mil. A taxa de encarceramento da Rússia foi de aproximadamente 600, ainda muito abaixo da dos EUA.

## **Explicando as diferenças persistentes no crime e na punição no Canadá e nos Estados Unidos**

O que poderia explicar as diferenças persistentes entre o Canadá e os Estados Unidos em seus níveis de violência criminal séria, sobretudo de violência letal, e em suas taxas de castigo criminal? Embora vários fatores prováveis tenham sido identificados, não há nenhuma teoria geral que tenha sido amplamente aceita e rigorosamente testada. Portanto, o seguinte é apenas especulação, informada por uma variedade de resultados de pesquisas e observações selecionadas dos trabalhos de alguns acadêmicos do crime e do direito.

### **Explicando as diferenças na punição**

Por que o Canadá não seguiu o padrão dos EUA de aumento nas taxas de encarceramento na década de 1990? Uma das razões pode ser o quanto os assuntos da Justiça Criminal são politizados e influenciados pela opinião pública nos EUA, comparado com o Canadá. Vários analistas têm argumentado que, no final do século XX, o crime e os assuntos da Justiça Criminal, nos EUA, assumiram, nas palavras de David Garland (2001, pp. 101-102), “um significado novo e estratégico na cultura popular”. Como consequência, prossegue Garland, “o crime... veio a funcionar como uma legitimação retórica para as políticas sociais e econômicas, que efetivamente castigaram os pobres, como justificativa para o desenvolvimento de um Estado forte e disciplinador”<sup>21</sup>. Os políticos americanos – assim como os juízes e os promotores, nos lugares em que estes são eleitos – descobriram que serem percebidos como “brandos” perante o crime significava uma pena de morte eleitoral. Em alguns estados, como a Califórnia, grupos de cidadãos, inspirados pela desconfiança no governo e nos juízes, conseguiram forçar a aprovação de iniciativas que aumentavam as penas criminais e limitavam a discricionariedade dos juízes, para evitar essas leis mais duras (ZIMRING e HAWKINS, 2001).

No Canadá, embora parte da retórica política sobre o crime tenha se tornado mais punitiva, as mudanças correspondentes no Sistema de Justiça Criminal de maneira geral não seguiram essa retórica. As políticas da Justiça Criminal mudam muito mais devagar no Canadá do que nos Estados Unidos, em parte porque, embora a administração da Justiça Criminal

21 Ver também: Pratt (2002), pp. 185-188.



seja uma responsabilidade das províncias, a lei criminal é uma responsabilidade federal. Mudar essa lei, portanto, requer consultas extensas com os governos provinciais e territoriais. Além disso, as pessoas encarregadas das reformas da Justiça Criminal no Canadá tendem a ser burocratas e servidores públicos não eleitos, em vez de políticos; e os juízes e os promotores canadenses são designados, e não eleitos. Isso tende a tornar o Sistema de Justiça Criminal refratário às oscilações da opinião pública a respeito do crime e da punição criminal<sup>22</sup>.

Um bom exemplo da diferença entre os dois países no desenvolvimento das políticas de Justiça Criminal pode ser visto na descrição de Kent Roach dos efeitos dos movimentos pelos direitos das vítimas nas décadas de 1980 e 1990 (ROACH, 1999). Ambos os países estabeleceram grupos de trabalho nacionais sobre as vítimas do crime na década de 1980. O grupo de trabalho dos EUA era composto por ativistas dos direitos das vítimas e membros do que Roach chamou de “direita ideológica”, como Pat Robertson. O relatório final do grupo de trabalho recomendou firmemente uma abordagem punitiva para os direitos das vítimas e advogou a favor de um orçamento maior para o encarceramento e para a restrição dos direitos de *due process* do acusado. Em contraste, o grupo de trabalho canadense era composto de servidores públicos que representavam as agências e os ministérios dos governos federal e provincial. Seu relatório final enfatizava intervenções como compensações e restituição para as vítimas em vez de castigo; e não advogou a favor de limitar os direitos de *due process*, que haviam sido ampliados recentemente pelo *charter*. Roach argumenta que desde aquela época as iniciativas a favor dos direitos das vítimas canadenses têm caminhado na direção do modelo punitivo, litigioso, dos EUA. No entanto, elas ainda têm um impacto limitado, devido à forma segundo a qual as reformas da Justiça Criminal são implementadas no Canadá.

O governo canadense, portanto, não aplicou o que algumas pessoas têm chamado de uma mudança geral rumo ao tipo de punição popular que caracterizou muitas democracias industriais ocidentais na década de 1990. Anthony Doob e Cheryl Webster têm argumentado que outra razão para isso é o forte ceticismo sobre a eficácia do castigo criminal presente nos círculos de desenvolvimento de políticas no Canadá. Em uma comparação entre as políticas de sentenciamento canadenses e americanas, Doob e Webster observaram que as políticas dos EUA refletem “a crença de

22 Como observa Pratt (2002, p. 187), “Quanto menos as organizações burocráticas do castigo tiverem sido empurradas para um lado do novo eixo do poder penal, menos influência terá a punição populista e mais probabilidades haverá de se ouvirem vozes preocupadas pelos níveis de prisão e que insistem nas condições ‘civilizadas’ na prisão”. Para uma comparação das mudanças nas políticas de Justiça Criminal no Canadá e nos Estados Unidos que ilustra este argumento, ver Petrunik (2003).

que o sentenciamento é uma forma efetiva de resolver o problema do crime na sociedade”. Em contraste, continuam eles, “o Canadá não tem uma convicção clara, política e pública, no sentido de que o sistema de sentenciamento pode reduzir o crime”, e isso “tem sido importante, porque limita o entusiasmo por sanções mais duras” no país (DOOB e WEBSTER, 2003). De forma mais geral, percebe-se o que Doob e Webster chamam de “cultura oficial de moderação no uso do encarceramento, que tem caracterizado o direito criminal canadense durante décadas”. De fato, em 1996 essa “cultura de moderação” foi transformada, formal e explicitamente, em um princípio legislativo de sentenciamento, quando o Código Criminal do Canadá foi emendado. Atualmente, a seção 718.2 do Código Criminal Canadense (CCC) afirma que

um delinquente não deverá ser privado da liberdade se sanções menos restritivas puderem ser apropriadas nas circunstâncias; e todas as sanções disponíveis em lugar do encarceramento que sejam razoáveis nas circunstâncias deverão ser consideradas para todos os delinquentes, prestando-se particular atenção às circunstâncias dos delinquentes aborígenes.

Muito mais poderia ser dito sobre as diferenças entre as políticas e as reformas relativas ao castigo criminal entre o Canadá e os EUA. Por exemplo, o desejo, por parte de muitos legisladores canadenses, de evitar uma abordagem “americanizada” da Justiça Criminal é, muito provavelmente, outro fator que contribui para essas diferenças. Um Comitê da Casa dos Comuns de 1993 – dominado por políticos conservadores – expressou esta opinião em seu relatório:

Se encarcerar os delinquentes contribuísse para criar sociedades mais seguras, os Estados Unidos seriam o país mais seguro do mundo. De fato, os EUA oferecem um exemplo gritante do impacto limitado que as respostas da Justiça Criminal podem ter ao crime<sup>23</sup>.

Certamente, essa é uma questão que requer maiores estudos, pelo menos devido à magnitude da diferença entre as taxas de encarceramento de ambos os países, uma diferença que, como vimos, não pode ser explicada apenas pelas diferenças nas taxas do crime.

23 Standing Committee on Justice and the Solicitor General. Ottawa, House of Commons, 1993, p. 2. Agradeço a Tony Doob por me falar desse e de outros materiais relevantes às posições do governo canadense sobre o castigo criminal.

## Explicando as diferenças no crime violento

O que pode explicar as diferenças entre as taxas canadenses e as americanas de crime violento grave? Já vimos que os canadenses não são mais obedientes às leis que os americanos no que diz respeito aos crimes contra o patrimônio; portanto, a diferença no crime violento não pode ser atribuída a uma propensão geral para o crime nos EUA, nem a uma falta da mesma no Canadá. Qualquer explicação precisa concentrar-se na menor propensão para a violência do Canadá, comparada com os EUA. Para os propósitos deste trabalho, o papel das diferenças na disponibilidade de armas de fogo não será considerado, por duas razões. Primeiro, apesar de muitos acadêmicos terem examinado esse assunto polêmico, há ainda muita discussão sobre a magnitude do efeito, no crime violento grave, da maior disponibilidade de armas de fogo nos EUA<sup>24</sup>. Resumir essa literatura de pesquisa e as várias críticas da mesma de forma significativa vai além dos objetivos deste trabalho<sup>25</sup>. Segundo, creio que se atribuírmos a diferença nas taxas de crime violento às armas de fogo, é preciso nos perguntarmos por que os americanos estão mais dispostos a tolerar níveis mais altos de propriedade das armas de fogo e são mais propensos a usá-las uns contra os outros<sup>26</sup>.

Há pelo menos duas outras diferenças importantes entre os dois países que podem ter a ver com as diferentes taxas de crime violento. A primeira é nos níveis de desigualdade de renda. Inúmeros estudos têm demonstrado que, nas cidades, nos estados e nos países onde a renda ou a riqueza são distribuídas mais desigualmente, o risco de crime violento é maior. Por outro lado, onde as diferenças entre ricos e pobres são menores, as taxas de crime violento também são menores (GARTNER, 1990; BLAU e BLAU, 1982; KRAHN et alii, 1986; HAGAN e PETERSON, 1995). Embora tanto o Canadá quanto os EUA tenham níveis de desigualdade relativamente altos comparados com muitos países europeus, os EUA ultrapassam o Canadá nesse indicador econômico. No final da década de 1990, o 1% mais rico da população dos EUA mantinha 40% da riqueza total do país; entretanto, no Canadá, o 1% mais rico da população mantinha “apenas” 25% da riqueza do país. Em uma análise de dados recentes do Canadá e dos EUA sobre a desigualdade e as taxas de homicídios, Daly e seus colegas confirmaram a conclusão de que o nível de

24 O que não se discute é que a arma de fogo é mais disponível nos EUA que no Canadá. Calcula-se que 49% dos lares americanos e 22% dos canadenses tinham armas de fogo no final da década de 1990 (BLOCK, 1997).

25 Como Zimring e Hawkins, não duvido que a disponibilidade de armas de fogo tome a violência nos EUA mais letal. Mas determinar se as políticas de controle de armas propostas nos EUA diminuiriam as taxas de homicídio, e quais seriam as políticas apropriadas, é outro assunto. Há bastante literatura a respeito, incluindo trabalhos recentes de Philip J. Cook e Jens Ludwig (2002); Kleck e Kates (2001); Jacobs (2002); e Ludwig e Cook (2003). John Lott Jr. também tem um livro sobre o tema (2000), mas há muita controvérsia sobre alguns dos dados utilizados por Lott, assim como algumas de suas técnicas analíticas. Para críticas de seus métodos e diferentes interpretações de seus resultados, ver Donohue (2003a; 2003b) e Duncan (2000).

26 Aqui, é apropriado citar a frase frequentemente usada pelo lobby das armas: “as armas não matam as pessoas; as pessoas matam as pessoas”. Porém, a conclusão que eu tiraria disso é um pouco diferente da interpretação favorita do lobby. Evidentemente, as armas não precisam ser usadas contra as pessoas simplesmente porque estão disponíveis. Nas comunidades aborígenes canadenses, as armas de fogo são amplamente disponíveis; e os canadenses aborígenes têm altas taxas de homicídio. Entretanto, as armas de fogo não respondem por grande parte dos homicídios aborígenes. Uma explicação para isso é que, nas comunidades aborígenes, as armas de fogo são definidas como ferramentas para caçar animais, e não como ferramentas para resolver conflitos interpessoais. Assim, a pergunta é: por que tantos americanos definiriam as armas de fogo como ferramentas para resolver conflitos interpessoais?

desigualdade na distribuição dos recursos, e não o nível médio de bem-estar material, é um determinante importante das taxas de homicídio; e chegaram a concluir que “os níveis locais de desigualdade de renda parecem ser suficientes para explicar as diferenças radicais entre as taxas de homicídio nacionais dos dois países” (DALY, WILSON e VASDEV, 2001, p. 220).

Uma segunda diferença entre o Canadá e os EUA está nas atitudes de seus cidadãos perante o uso da violência. Uma companhia de enquetes de opinião pública canadense, Environics, realizou uma pesquisa de mais de 100 valores sociais no Canadá e nos Estados Unidos em 2000 e entre os valores examinados estava a “aceitação da violência”. A Tabela 5 mostra as afirmações desenvolvidas para medir a aceitação da violência e a proporção dos consultados que concordaram com elas (ADAMS, 2003).

Tabela 5 – Opiniões canadenses e americanas sobre a violência – Enquete Environics, 2000

% que concordam com as seguintes afirmações	Canadenses	Americanos
A violência é um aspecto normal da vida, e não é motivo de preocupação	9%	18%
Um pouco de violência oferece alívio quando a gente está tensa; não é nada demais	14%	31%
É aceitável usar a violência para obter o que você quer	13%	23%

Fonte: Adams (2003).

Como mostra a tabela, aproximadamente o dobro de americanos em relação aos canadenses concorda com afirmações que indicam tolerância ou aceitação da violência, segundo essa pesquisa. Além disso, a discrepância de opiniões entre canadenses e americanos sobre a violência aumentou na década de 1990, e é uma das maiores diferenças de valores entre os dois países. Como diz Michael Adams, presidente de Environics: “As atitudes sobre a violência são, de fato, uma das características que diferenciam mais marcadamente os canadenses dos americanos” (ADAMS, 2003, p. 52). Esses resultados podem não surpreender, considerando-se a antiga crença popular de que os americanos têm maior aceitação da violência. Entretanto, os diferentes níveis de concordância com essas afirmações confirmam essa crença e mostram que as opiniões dos canadenses no que diz respeito a essa dimensão de valores, como as da maioria das dimensões estudadas pela enquete da Environics, não mostram sinais de convergência com as dos americanos.

## Conclusão

Baseadas em antigas diferenças culturais e históricas, ou em diferenças mais contemporâneas nas políticas econômicas e sociais – ou, mais provavelmente, em ambas –, as diferenças entre o Canadá e os EUA no crime violento e nas respostas da Justiça Criminal ao crime são significativas e não há evidências de que estejam convergindo no início do século XXI. Entretanto, os canadenses não têm sido menos propensos a roubar ou a praticar fraudes uns contra os outros, pelo menos desde o início da década de 1980. O estereótipo dos canadenses como obedientes à lei, portanto, parece exagerado. A visão tradicional (romântica) do Canadá como um reino de paz, entretanto, mantém uma certa validade, pelo menos quando comparado com os EUA. Tem se tornado um passatempo popular de acadêmicos e eruditos no Canadá zombar e escarnecer do que eles percebem como a afirmação banal de que o país é mais tolerante, equitativo, pejado de civilidade e solidariedade que os EUA – e certamente tais argumentos de maneira geral simplificam uma realidade muito complexa. Mas, tendo nascido nos EUA e vivido no Canadá por pouco mais de 15 anos, acho esses argumentos atraentes e ressonantes com minhas experiências. Portanto, o leitor talvez possa me perdoar por concluir com o que alguns analistas consideram uma ilustração particularmente adequada das diferentes orientações culturais do Canadá e dos EUA. Como vocês provavelmente sabem, cada ano a revista *Time* escolhe a “personalidade do ano”<sup>27</sup>. A versão canadense da *Time* também escolhe a “personalidade do ano” no Canadá. Pois assim como na versão americana, a personalidade canadense de 2003 não foi uma pessoa isolada<sup>28</sup>. Foi um casal: Michael Leshner e Michael Stark, que se casaram em junho de 2003, seis horas depois que o Tribunal de Apelações de Ontário manteve uma decisão do tribunal inferior, permitindo o casamento legal entre parceiros do mesmo sexo.

27 Nos EUA, esse título é o de “person of the year”; no Canadá, “newsmaker of the year”. (N.E.)

28 Em 2003, a *Time* escolheu como personalidade do ano uma figura conceitual, “o soldado americano”. (N.E.)

## Referências

- ADAMS, Michael. (2003), *Fire and Ice: The United States, Canada, and the Myth of Converging Values*. Toronto, Penguin Books.
- ATWOOD, Margaret. (1972), *Survival: A Thematic Guide to Canadian Literature*. Boston, Beacon Press.
- BESSERER, Sandra. (2002), "Criminal Victimization: An International Perspective". *Juristat*, Vol. 22, nº 4.
- BLAU, Judith [e] BLAU, Peter. (1982), "The Cost of Inequality". *American Sociological Review*, nº 47, pp. 114-129.
- BLOCK, Richard. (1997), "Firearms in Canada and Eight Other Western Countries: Selected Findings of the 1996 International Crime (Victim) Survey". Ottawa, Department of Justice/Canadian Firearms Centre.
- CLARK, Samuel David. (1976), *Canadian Society in Historical Perspective*. Toronto, McGraw-Hill.
- COOK, Philip J. [e] LUDWIG, Jens. (2002), *Gun Violence: The Real Costs*. Nova York, Oxford University Press.
- DALY, Martin; WILSON, Margo [e] VASDEV, Shawn. (2001), "Income Inequality and Homicide Rates in Canada and the United States". *Canadian Journal of Criminology*, nº 43, pp. 219-236.
- DONOHUE, John. (2003a), "Shooting Down the More Guns, Less Crime Hypothesis". *Stanford Law Review*, nº 55.
- \_\_\_\_\_. (2003b) "The Impact of Concealed-Carry Laws". Em: LUDWIG, Jens [e] COOK, Philip J. (orgs). *Evaluating Gun Policy: Effects on Crime and Violence*. Washington, Brookings Institution Press, pp. 287-339.
- DOOB, Anthony N. [e] WEBSTER, Cheryl Marie. (2003), "Looking at the Model Penal Code Sentencing Provisions through Canadian Lenses". *Buffalo Criminal Law Review*, nº 7.
- DUNCAN, Otis Dudley. (2000), "Gun Use Surveys: In Numbers We Trust?". *The Criminologist*, Vol. 25, nº 1, pp. 3-7.
- FRATE, Anna Alvazzi del; ZVEKIC, Ugljesa [e] VAN DIJK, Jan. (1993), *Understanding Crime: Experience of Crime and Crime Control*. Roma, United Nations Interregional Crime and Justice Research Institute.

- FRUM, David. (01/10/2003), "How Cool is Canada?". The National Review OnLine.
- GANNON, Maire. (2001a), "Crime Comparisons between Canada and the United States". Juristat, Vol. 21, nº 11.
- \_\_\_\_\_. (2001b), "Feasibility Study on Crime Comparisons between Canada and the United States". Catálogo nº 85-F0035XIE. Ottawa, Canadian Centre for Justice Statistics.
- GARLAND, David. (2001), *The Culture of Control: Crime and Social Order in Contemporary Society*. Chicago, University of Chicago Press.
- GARTNER, Rosemary. (1990), "The Victims of Homicide: A Temporal and Cross-National Comparison". *American Sociological Review*, nº 55, pp. 92-106.
- \_\_\_\_\_. (1995), "Homicide in Canada". Em: ROSS, Jeffrey Ian (org). *Violence in Canada: Sociopolitical Perspectives*. Toronto, Oxford University Press.
- HAGAN, John. (1991), *The Disreputable Pleasures: Crime and Deviance in Canada*, Toronto: McGraw-Hill.
- \_\_\_\_\_. [e] LEON, Jeffrey. (1978), "Philosophy and Sociology of Crime Control". Em: JOHNSON, Harry Mack (org). *Social System and Legal Process*. São Francisco, Jossey Bass.
- \_\_\_\_\_. [e] PETERSON, Ruth D. (orgs). (1995), *Crime and Inequality*. Stanford, Stanford University Press.
- JACOBS, James B. (2002), *Can Gun Control Work?* Nova York, Oxford University Press.
- KLECK, Gary [e] KATES, Don B. (2001), *Armed: New Perspectives on Gun Control*. Amherst, Prometheus Books.
- KRAHN, Harvey et al. (1986), "Income Inequality and Homicide Rates: Cross-national Data and Criminological Theories". *Criminology*, nº 24, pp. 269-295.
- LEHRER, Eli. (27/05/2002), "Crime Without Punishment: As American Streets Get Safer, Crime in Europe Soars". *The Weekly Standard*, Vol. 6, nº 36.
- LENTON, Rhonda. (1989), "Homicide in Canada: A Critique of the Hagan Thesis". *Canadian Review of Sociology and Anthropology*, nº 14, pp. 163-178.

- LIPSET, Seymour M. (1990), *Continental Divide: The Values and Institutions in the United States and Canada*. Nova York, Routledge.
- LOTT JR., John. (2000), *More Guns, Less Crime*. Chicago, University of Chicago Press.
- LUDWIG, Jens [e] COOK, Philip J. (orgs). (2003), *Evaluating Gun Policy: Effects on Crime*. Washington, Brookings Institute.
- OUIMET, Marc. (1999), "Crime in Canada and the United States: A Comparative Analysis". *Canadian Review of Sociology and Anthropology*, nº 36, pp. 389-408.
- PACKER, Herbert. (1964), "Two Models of the Criminal Process". *University of Pennsylvania Law Review*, nº 113, pp. 1-68.
- PETRUNK, Michael. (2003), "The Hare and the Tortoise: Dangerous and Sex Offender Policy in the United States and Canada". *Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice*, nº 45, pp. 43-72.
- PRATT, John. (2002), *Punishment and Civilization*. Londres, Sage.
- ROACH, Kent. (1999), *Due Process and Victims' Rights: The New Law and Order Politics of Criminal Justice*. Toronto, University of Toronto Press.
- ROBERTS, Julian V.; STALANS, Loretta J.; INDEMAUR, David [e] HOUGH, Mike. (2003), *Penal Populism and Public Opinion: Lessons from Five Countries*. Nova York, Oxford University Press.
- SAVOIE, Josée. (2003), *Homicide in Canada, 2002*. *Juristat*, Vol. 23, nº 8.
- SIMPSON, Jeffrey. (2000), *Star-Spangled Canadians: Canadians Living the American Dream*. Toronto, Harper Collins.
- STANDING COMMITTEE ON JUSTICE AND THE SOLICITOR GENERAL. (1993), Ottawa, House of Commons.
- VAN DIJK, Jan [e] MAYHEW, Pat. (1992), *Criminal Victimization in the Industrial World*. Haia, Ministry of Justice of Holland.
- VAN KESTEREN, John; MAYHEW, Pay [e] NIEUWBEERTA, Paul. (2000), *Criminal Victimization in Seventeen Industrialised Countries*. Haia, Wetenschappelijk Onderzoek-en Documentatie-Centrum.
- ZIMRING, Franklin (2001), *Punishment and Democracy: Three Strikes and You're Out in California*. Nova York, Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_ [e] HAWKINS, Gordon. (1997), *Crime is Not the Problem: Lethal Violence in America*. Nova York, Oxford University Press.